

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

02. LIBERMANN DÁ A CONHECER OS NOVOS APELOS FEITOS À CONGREGAÇÃO, Ao P. Le Vasseur que partilha com ele “a graça da Fundação”

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 02. LIBERMANN DÁ A CONHECER OS NOVOS APELOS FEITOS À CONGREGAÇÃO, Ao P. Le Vasseur que partilha com ele “a graça da Fundação”. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/113>

This VII is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

Congregação do Espírito Santo

2. LIBERMANN DÁ A CONHECER OS NOVOS APELOS FEITOS À CONGREGAÇÃO

Ao P. Le Vavas seur³³⁰
que partilha com ele “a graça da Fundação”

Esta longa carta de Libermann (12 páginas em “Notes et Documents”) foi escrita ao P. Le Vavas seur para o consultar sobre o futuro da Congregação; ele explica-se exaustivamente sobre os projetos de obras na Europa, na Tunísia, mas também sobre os projetos na África austral, na “Cafraria” e entre os “Hotentotes”. Pede ao P. Le Vavas seur para ir ao local, ao Cabo, estudar a situação.

Damo-la na íntegra pela muita informação que nos fornece sobre a história “efervescente” da Congregação nesse período.

Faubourg Noyon, n° 56, Amiens,
14 de Outubro de 1847

Caríssimo confrade,

Há já algum tempo que contava escrever-lhe: só agora o faço, por ter andado muito ocupado. Há cerca de quinze dias, um padre jesuíta, de partida para Bourbon, veio oferecer-me os seus serviços. Eu estava em férias no Gard. Quando regresssei, contava que ele voltasse para poder saber com exatidão quando é que ele ia partir, porque o retiro, que acabou domingo passado, me impediu de escrever. Entretanto, o bom padre partira. Espero poder estar mais atento no futuro, embora mais ocupado que nunca, porque conseguimos descobrir um jornal que traz as partidas dos navios.

Bendigo cada vez mais o nosso bom Mestre por lhe ter restituído paz; a mim, é como dar-ma duplamente, pela mágoa que sentia por vê-lo assim, sob o peso de uma tão dura tentação e pelo desejo ardente que sempre experimentei de que estivéssemos em perfeita união para fazer a obra de Deus juntos. Oh! Como seria feliz se Deus me concedesse a graça de você estar comigo para não ter de me encarregar sozinho deste fardo e da responsabilidade a ele associada! Tenho a certeza de que Deus não me abandonará; Maria ajudar-me-á sempre; no entanto, seria muito consolador ter junto de mim um

³³⁰ ND IX, pg. 282-294.

Antologia Espiritana

outro eu mesmo. Não fique espantado com esta confiança, depois de todas essas terríveis borrascas. Creio que Deus ma concede cada vez mais com o propósito de nos unir na intimidade da caridade do sagrado Coração de Maria.

Não pense que estou descontente com os nossos confrades; são bons, cheios de piedade e de talento; mas são jovens e sem experiência, e além disso não parece que Deus tenha tido o desígnio de os associar à fundação da obra; não terão dom para isso, como tem você e eu. É necessário esperar o momento de Deus e rezar enquanto esperamos. O P. Boulanger, de quem lhe falei numa carta que lhe escrevi a esse respeito, não é a pessoa indicada para ficar à frente da comunidade de Bourbon. Houve algum tempo em que cheguei a pensar que sim; quis examinar isso melhor e concluí que não é a pessoa indicada. Tem então que se esperar ainda. Talvez o P. Thévaux³³¹, depois de, uma vez consigo, ter sido preparado para isso; mas duvido muito. O P. Thévaux, com uma imaginação impetuosa, tem uma certa retidão no julgar e controlava-se muito bem quando estava aqui. Eu esperava que ele se formasse no seu contacto com as pessoas e no meio dos trabalhos e dificuldades. Não sei em que ponto está agora exatamente. É de recear que os seus sofrimentos extremos e que a sua querela com o bispo tenham azedado o seu temperamento, endurecido o seu caráter e exaltado a sua imaginação; veja quando ele chegar e prepare-o para a obra de Bourbon, se Deus assim quiser.

A minha carta de 3 de Dezembro foi escrita em meio do maior sofrimento, e em resposta à última de suas cartas, escrita sob uma impressão deplorável³³². A segunda foi escrita em meados de Janeiro. Quer-me parecer que ambas seguiram juntas. Esqueça a primeira e não pense mais nisso. Não esteja em cuidados pelos desgostos que senti com esse seu caso. O que passou, passou, e quanto maior foi a dificuldade tanto mais abundantes foram a minha alegria e a minha consolação pela sua mudança: assim pagou-me generosamente o que me tinha tirado; não me deve mais nada: sou eu que agora estou em dívida para consigo, e espero pagar-lhe também com a caridade que Jesus Cristo me dá a dobrar por si.

Uma palavra sobre os nossos pobres confrades da Austrália. Estou muito preocupado com eles, estão na mais lastimável das situações. A continuar assim, irão de certeza morrer de miséria. Escrevo-lhes muitas cartas, mas não

³³¹ Cf. índice onomástico.

³³² ND VIII, pg. 28-36.

Congregação do Espírito Santo

as recebem. Em Junho, ainda não tinham recebido também a sua. O que é que lhes vai acontecer? D. Brady acabou por dar ao P. Thévaux algum dinheiro para os mandar de volta, e este ainda teve a ingenuidade de não ousar partir sem antes ter recebido a minha permissão. Estou na maior das aflições. Num caso tão grave, e não recebendo absolutamente nenhuma notícia de minha parte, ele deveria presumir a autorização e partir.

Penso que Deus permitiu este erro a fim de por à prova estes caros confrades por sofrimentos extremos. Digo-lhe, a si em particular, que as coisas chegaram a tal extremo que o P. Thévaux foi suspenso de todas as funções sacerdotais. Não sei com que direito D. Brady podia suspendê-lo; não posso acreditar que o P. Thévaux tenha cometido uma falta tão grave que merecesse essa pena eclesiástica. Vou escrever imediatamente a Roma para obter o levantamento dessa pena disciplinar. Por seu lado, se os padres Thévaux e Thiersé ainda não chegaram a Bourbon, procure fazer chegar-lhes uma carta, por meio dum comerciante da Maurícia, para os arrancar finalmente da situação terrível em que estão. Escreva-me mal eles cheguem aí.

Dar-lhe-ei as notícias no relatório da minha carta à comunidade.

Fala-me da Cafraria. Já me falaram dela no ano passado em Roma. Creio que poderíamos sem dificuldade empreender uma nova missão, apesar da imensa extensão da Guiné: a nossa comunidade está no bom caminho; será cada vez mais conhecida, e os nossos recursos permitem-no; vejo como provável o aumento do número de noviços e de estudantes. De momento temos tantos quanto no-lo permitem os nossos recursos. Por isso, creio que poderíamos aceitar uma outra missão.

Agora, vou falar-lhe duma coisa que deve ficar em segredo entre nós os dois; ainda não falei disso a nenhum dos nossos confrades. Gostaria de ter a sua opinião. Examine-a seriamente na presença de Deus. Trata-se duma missão que, a meu ver, contrabalança a da Cafraria. Há uns quinze dias, D. Luquet³³³ passou um dia connosco. Ele sabe o que penso da Cafraria; tinha-lhe falado disso em Roma; nessa altura encorajou-me, e escreveu-me mesmo a esse respeito depois do meu regresso de Roma. Ao ver o número de nossos jovens e o seu bom comportamento voltou a olhar para essa missão. Mas falou-me também da missão da Tunísia. Há muitos

³³³ Cf. índice onomástico.

Antologia Espiritana

negros nesse país. O Bay³³⁴ libertou-os a todos este ano e está a procurar civilizar o povo maometano. É amigo da França e admirador até do que aqui se passa (veio passar cá algum tempo no ano passado). Esta missão tem uma certa importância. Um missionário francês, chamado P. Bourgade, está lá a fazer um bom trabalho. Tratar-se-ia assim de conseguir que este bom missionário fosse nomeado vigário apostólico, e depois seríamos nós que fornecéramos o bispo. O problema é que também estão lá os capuchinhos. D. Luquet pensa que se podia dividir o território em dois vicariatos, deixar um deles com os capuchinhos e o outro com o P. Bourgade e nós. Talvez se conseguisse levá-lo a juntar-se à Congregação e a assinar o acordo que eu concluí com D. Truffet³³⁵. Assim, a missão ficaria mais bem organizada. D. Luquet vai encarregar-se de colher as primeiras informações absolutamente necessárias antes de emprendermos seja o que for. De ora em diante estou firmemente resolvido a não empreender nada sem antes ter recolhido, por nós ou por interposta pessoa de confiança, todas as informações necessárias ao nosso esclarecimento sobre as situações. D. Luquet é um homem em quem podemos confiar plenamente, como se fosse dos nossos. Devo dizer-lhe, nesta altura, para ter as suas reservas em relação a tudo o que se possa dizer ou escrever contra o nosso bom D. Luquet. É muito triste que a sua discussão com os jesuítas sobre a questão do clero indígena e as províncias eclesiásticas tenha sido envenenada até ao ponto a que chegou; foi um pouco por culpa do próprio D. Luquet que, mesmo com todas as melhores intenções e com o desejo mais sincero de tratar a questão com amabilidade e caridade, acabou algumas vezes por magoar, chocar, atacar com essa energia de caráter que lhe conhece. Posso testemunhar em seu favor que faz grandes esforços para tratar com deferência os adversários e agir com amabilidade; sei, no entanto, que não o consegue sempre e que, sem ter um rancor formal, sente uma grande incompatibilidade com essa excelente e santa ordem, e que exagera os seus agravos (quero dizer os agravos dos jesuítas) contra si. Estou persuadido também que, pelo que lhes toca, os jesuítas sentem por ele a mesma incompatibilidade (sem rancor) e exageram também os agravos dele contra eles.

A questão que está no centro deste antagonismo é árdua e difícil, mas importante, e D. Luquet é um lutador terrível, mas bem intencionado. Pensei dever dar este testemunho em favor de D. Luquet, porque ele é para nós um

³³⁴ Bay designava, no império otomano, um governador de província. A partir de 1705, o soberano da Tunísia, vassalo do sultão de Istambul até 1881, adoptou o título de “Bay de Túnis”. (Nota do tradutor)

³³⁵ ND IX, pg. 90-95.

Congregação do Espírito Santo

amigo íntimo e afetuoso. Tem excelentes intenções, mesmo agindo por vezes de modo um pouco rude de mais, e leva uma vida de santo em Roma. Guerreando assim continuamente, parece que o seu temperamento deveria azedar-se e endurecer-se cada vez mais. Ora bem! Não, acontece o contrário: torna-se cada vez mais calmo, moderado e prudente. Gostaria muito que ele pusesse de parte essa incompatibilidade com os jesuítas; reze por essa intenção.

Voltemos à Cafraria; embora pense que temos de refletir sobre o assunto da Tunísia para fazermos dele uma ideia exata, acho, no entanto, que seria útil também ter uma ideia clara da Cafraria. Eis o que sei dessa área:

A Cafraria³³⁶ e a área dos Hotentotes estão atualmente sob a jurisdição do vigário apostólico do Cabo da Boa Esperança. Os Cafres oferecem mais recursos morais pela sua inteligência, seu caráter, etc. (conhece melhor que eu os Cafres); oferecem mais recursos morais que os Hotentotes, que parecem estar mais degradados sob todos os aspetos. Tanto um como outro são povos muito carenciados. Parece que o Sr. vigário apostólico estaria disposto a ceder a sua jurisdição sobre eles. A Cafraria está em guerra com os Ingleses; é uma dificuldade, mas uma dificuldade que pode ser passageira. A Cafraria está invadida pelos Irmãos Moravos, espécie de religiosos protestantes, que, aproveitando-se do ensino nas escolas, incutem os seus erros; isto por um lado constitui uma dificuldade, mas por outro torna mais urgente o socorro da religião católica. A área dos Hotentotes não tem essas dificuldades; é miserável de mais para que os ingleses queiram assenhorear-se dela, e para que os Irmãos Moravos lhe liguem. Parece que depois da população indígena da Austrália não há povo mais degradado que os Hotentotes. Os Hotentotes são tão numerosos como os Cafres? Penso que não. Dão esperanças de que se consiga estabelecer o cristianismo entre eles? Não duvido disso, mas as dificuldades devem ser grandes. Até que ponto vão essas dificuldades? Em que consistem exatamente? Como ultrapassá-las? São tudo questões que devem ser resolvidas para se poder optar por um desses dois povos. Tem que se optar, porque não nos é possível dedicar-nos aos dois ao mesmo tempo. Como vê, temos de saber muita coisa antes de ousar empreender uma destas missões:

1º Noção exata do estado das populações, dos territórios e dos climas.

³³⁶ Cafraria, região do sul da África habitada pelos Cafres, ramo do povo Banto.

Hotentotes: povo que vivia na parte meridional do Sudoeste Africano, ao norte do rio Orange.

Antologia Espiritana

2º Dificuldades, quer inerentes às populações, quer provenientes das circunstâncias ou da sua posição estratégica, quer da parte dos ingleses.

3º Sob que condições poderíamos ser encarregados disso? Seria preciso estar sujeitos a um bispo inglês? Isso seria de temer, por tudo o que já nos aconteceu. Há demasiados preconceitos na cabeça dos ingleses contra os franceses, demasiadas diferenças de caráter, etc. Poderemos ter um superior eclesiástico dos nossos? Mas o Governo inglês não iria opor-se a isso?

Eis os pontos principais sobre os quais seria preciso estarmos esclarecidos.

Se tivesse facilidade de ir ao Cabo, e se a sua ausência não causasse prejuízos sérios aos nossos caros negros de Bourbon, aceitaria de boa vontade a sua proposta de ir colher informações; transmitir-me-ia o resultado de suas investigações, e as suas reflexões, antes de deixar o Cabo para voltar para aí. Se fizer essa viagem, apresentará ao bispo do Cabo a carta que vai junto com esta, endereçada a ele, para lhe servir a si de credencial; se, pelo contrário, vir que não pode ausentar-se, avise-me o mais depressa possível para que eu arranje outra maneira de obter essas informações.

Teria que falar-lhe ainda sobre uma outra questão. Disse-lhe, numa das cartas anteriores, que resolvemos aceitar algum ministério na Europa, sobretudo em certos portos marítimos importantes. Eis as minhas razões. Desejo que me diga o que pensa sobre isso. A razão de ser fundamental das nossas obras na Europa seria servir as classes mais pobres que, em França, precisam muito de quem as socorra, tais como os estivadores, os soldados, os operários em geral; mais ainda, a classe mais miserável, os remadores, os presos, os mendigos. Escusado é dizer-lhe que seriam obras excelentes. Vou só apontar-lhe uma razão para além daquela que lhe indiquei como fundamental, e esta é uma razão de prudência em ordem à consolidação e fortalecimento da Congregação. Estas obras não se opõem nem ao objetivo nem ao espírito expressos na Regra. É verdade que a princípio não pensámos nelas; mas isso não constitui uma prova de que Deus as não quis. Era-nos impossível pensar nisso: Deus trouxe-nos para a Obra dos Negros, e sentimos, no entretanto, o desejo de generalizar mais, de modo que a Regra fala em geral de almas abandonadas e pobres. A única passagem da Regra que se opõe a isto à letra é o artigo 1º, capítulo 3º, da primeira parte, onde as missões estrangeiras e longínquas são nomeadas como as únicas obras da Congregação e onde está proibido positivamente reter os mis-

Congregação do Espírito Santo

missionários na Europa sob o pretexto de aqui fazerem o bem. Creio, no entanto, que este artigo não deve ser visto como um impedimento para abriremos algumas casas na Europa, no sentido que vou explicar-lhe.

1ª Este artigo foi ditado pela ideia e pelo propósito de consolidar a obra difícil das missões, de que se queria que a Congregação fizesse a sua ocupação de marca. Continuo a manter essa mesma ideia: a obra [das missões] deve sempre ser a especialidade da Congregação, qualquer outra será apenas acessória, secundária, e empreendida no sentido de consolidar a obra das missões, de a apoiar e de procurar que ela seja o mais útil possível. Trata-se de tomar as medidas necessárias contra os abusos que poderiam introduzir-se com o andar do tempo e que poderiam prejudicar as missões.

2ª A segunda parte deste artigo quer impedir que se retenham na Europa aqueles missionários que poderiam ser úteis nas missões. Tratar-se-ia ainda de tomar medidas para prevenir abusos, a fim de que o espírito da Regra fique intacto.

Agora, vamos ao plano que proponho. O essencial da obra que executaríamos na Europa seria empreender a salvação da classe operária, dos estivadores, dos soldados, dos condenados às galés e dos presos, se essa for manifestamente a vontade de Deus, e enfim das classes miseráveis. Começaremos as nossas fundações nos principais portos marítimos ligados às nossas missões, tais como Bordéus, Marselha, Toulon, Brest, Nantes e Lorient.

Não tenha receio, caríssimo irmão, deste projeto, que parece gigantesco; não se trata de o levar a cabo em todos esses lugares, mas de escolher os mais convenientes e aqueles em que a divina Providência nos oferecer a oportunidade e facilidades para abriremos uma obra. Será uma regra absoluta que todo o eclesiástico que se apresente no noviciado com o desejo formal e positivo das missões não poderá ser nomeado para ficar na Europa a trabalhar nestas obras. Se quisermos, poder-se-ia até estabelecer uma outra regra que proponho à sua consideração. Seria que houvesse na Casa Mãe um Conselho composto por tantos representantes quantos os vicariatos apostólicos ou províncias de missões. As casas da Europa terão em conjunto um representante, ou vários se essa obra vier a ganhar importância e extensão. Nos assuntos gerais da Congregação, esse Conselho daria assessoria ao superior da Congregação, e poder-se-ia, se fosse julgado oportuno, limitar em alguns pontos o poder abso-

Antologia Espiritana

luto deste e transferi-lo para o Conselho.³³⁷ Entre esses pontos poderia incluir-se a retenção na Europa de quem é destinado às missões; isso só poderia fazer-se por determinação desse Conselho Geral.

Tudo isto é ainda só uma ideia em gérmen, que se trataria de examinar. Nas casas da Europa ficariam antes de mais só os missionários que não suportassem o clima de África; em segundo lugar, aqueles que já ao entrar manifestassem pouco gosto de ir para as missões nos países estrangeiros ou mesmo desejos bastante pronunciados de um ministério na Europa. Nunca, ou quase nunca, aceitaríamos um candidato sob a condição imposta de ficar na Europa; mas, de facto, poderíamos aceitá-lo se viesse com esse gosto. Penso que se a vontade de Deus for que nos lancemos a essa obra na Europa, hão de apresentar-se pessoas desse género, porque obras desta natureza são muito necessárias agora na França. Há muitos padres e leigos zelosos a darem-se ativamente a este trabalho, mas não há nenhuma obra criada com este objetivo. As comunidades religiosas antigas não investem aí, porque antigamente as suas ordens não se ocupavam disso; e a razão é porque dantes não havia essa necessidade. Só os jesuítas poderiam ocupar-se disso; mas a sua posição perante o Governo e perante muita gente em França é para eles um impedimento absoluto. Havendo essa necessidade, sendo ela vivamente sentida, ela deve necessariamente levar boas almas sacerdotais a trabalhar nesse campo. De resto, se não surgissem vocações, se não houvesse recursos, a minha ideia cairia por si, e evidentemente que não iríamos muito longe; nesse caso, contentar-nos-emos com o estrita e absolutamente necessário ou restringir-nos-emos à nossa obra das missões. Estou firmemente disposto a ir passo a passo, seguindo o movimento da divina Providência com calma e sem forçar.

Agora, que utilidade para a Congregação, que necessidade para ela de se encarregar duma nova obra e de complicar a sua administração?

1º É muito natural que a Congregação busque a glória de Deus tanto quanto dela dependa, sem prejudicar a sua obra fundamental; isso é conveniente e até útil para ela.

2º Será absolutamente necessário que se tenha uma ou duas casas no sul, onde possam ser recebidos os missionários que não possam aguentar os climas de África, assim como os que tiverem gasto a sua saúde. São casos que nos

³³⁷ Atribuindo ao Conselho o que se retiraria ao superior. (Parece ter sido este o sentido que o Venerável Padre teve em mente).

Congregação do Espírito Santo

chegarão, penso, muito frequentemente, sobretudo quando tivermos atingido uma certa dimensão na Guiné.

Depois de terem passado lá um certo número de anos, não conseguirão mais adaptar-se ao clima frio e húmido do norte; seria exporem-se à morte. Além disso, depois de algum tempo passado na Europa, terão recuperado um pouco as forças e poderão ainda trabalhar para a glória de Deus.

3º A não ser que se queira modificar de alto a baixo a organização da Congregação, será absolutamente necessário que a Casa Mãe detenha uma grande força administrativa; ora, se não tivermos obras na Europa, esta força será anulada pelo poder episcopal estabelecido nas missões; a Casa Mãe tornar-se-ia então pura e simplesmente um seminário para as missões. Nesse caso teria de se mudar a organização da Congregação, de outro modo ficaríamos numa posição falsa e perigosa. Era como se a função da Casa Mãe fosse só dirigir e conduzir as comunidades das missões; pelo facto mesmo, seria ou tornar-se-ia pouco a pouco irrelevante. Isto parece-me muito perigoso. Havendo uma obra na Europa, esta serviria de contrapeso e daria uma grande força ao Superior Geral permitindo-lhe manter a sua autoridade face à dos vigários apostólicos. Este ponto é da maior importância para se manter o equilíbrio entre os dois poderes, e este equilíbrio é absolutamente necessário.

4º É urgente que a Casa Mãe mantenha uma grande influência sobre os missionários para a conservação do espírito da Congregação e da vida de comunidade. Esta influência será muito naturalmente contrabalançada pela dos bispos; é por isso urgente fortalecê-la; porque, se a organização atual deve ser mantida, se a vida de comunidade deve existir sempre, é necessário que a influência da Comunidade Mãe seja total. Geralmente encontram-se poucos vigários apostólicos que, depois da sua nomeação, vivam perfeitamente a vida de comunidade, e que a conservem perfeitamente se a tiveram. Porque há que ter em conta que, dentro em pouco, a nomeação dos vigários apostólicos estará toda em poder dos missionários e sobretudo dos outros vigários existentes na área da missão. Por influência da Casa Mãe é que a missão conseguirá fazer as melhores escolhas; por sua influência e seu poder é que esta conseguirá manter o espírito das Regras e os laços constitutivos da Congregação.

Se toda a nossa obra na Europa se resumir à Casa Mãe, isto é, ao noviciado e ao seminário, segue-se que todo o pessoal aqui residente se reduziria a

Antologia Espiritana

seis ou sete, quando muito oito pessoas, e este pessoal seria constituído ou por missionários que mandaríamos regressar ou por outros que recrutaríamos aqui. Se tivesse mesmo de ser constituído por missionários mandados regressar, nunca teríamos cá os homens com melhores provas dadas nas missões e, por isso, a nossa influência seria medíocre, quase nula mesmo; porque é preciso saber que, de acordo com as Regras estabelecidas pela Santa Sé para as missões em geral, os bispos não estão obrigados a deixar regressar à Europa aqueles que lhes pedirmos. Além disso, os que estão a trabalhar bem, regressariam muito a custo. No caso de surgir alguma dificuldade entre os bispos e a Comunidade Mãe (e de certeza que surgirá), esta, necessariamente, seria obrigada a ceder, mesmo quando visse em perigo o espírito da Regra. Os bispos terão sempre em mãos a sorte da Comunidade Mãe; porque basta-lhes tão só mandarem-lhe as pessoas medíocres para arruinares por completo a influência e a autoridade dela. Se estiverem em apuros, é isso mesmo que vão fazer: e, assim, provocarão infalivelmente uma mudança na nossa constituição. Parece-me que não haveria mal nenhum em que a nossa constituição tivesse assentado, logo de início, em bases diferentes das atuais, mas seria muito mau que, dentro de trinta ou quarenta anos, fôssemos obrigados a fazer uma alteração radical na constituição da Congregação. Se, em contrapartida, tivéssemos de recrutar aqui esse pessoal, teríamos sempre um certo número de jovens que poderíamos reter no fim do noviciado; mas entre os mais velhos não teríamos opção de escolha; além disso, estaríamos muito limitados para fazer boas escolhas, e que influência poderíamos ter sobre o espírito dos missionários?

Se, pelo contrário, tivermos várias casas na Europa, teríamos mais onde escolher, poderíamos sempre ter aqui um certo número de homens sábios, prudentes, instruídos e experimentados. Não me alongo mais; limito-me a apontar-lhe as coisas. Reze, examine, aprofunde diante de Deus.

Não lhe dou as razões contra; dir-lhe-ei apenas que o que lhe digo é extremamente grave, e de tal gravidade que, se não devêssemos ter várias casas na Europa, seria importante mudarmos a constituição da Congregação.

Não pense que neste ponto tenha havido dificuldades até agora; de modo nenhum, até agora basta-me dar a entender o que sinto para que todos se submetam. Nem temo sequer que haja dificuldades sérias enquanto viver; no entanto, não garanto nada, porque não posso ler o futuro. As minhas principais previsões são para depois da minha morte.

Congregação do Espírito Santo

Uma palavra sobre as finanças. A nossa casa do bairro338 custou-nos 100.000 francos. Se eu tivesse estado cá quando foi comprada, não a teríamos: já que Deus quis que a tivéssemos, não quis ir contra. Mesmo assim, não estaremos demasiado enterrados. Ficamos com uma dívida de mais de 20.000 francos; talvez 15.000; como vê, nem tudo está perdido. A nossa boa Mãe está connosco; ela nos há de livrar de aflições. O pior é que temos 3.000 francos a menos por ano, e teremos este ano 65 pessoas, talvez mais, para sustentar e alimentar. Note bem: inclui os diretores, os irmãos e os criados. Se pudessem, vocês e o P. Laval, darem-nos uma ajuda, seria muito bom, porque além das despesas ordinárias para tanta gente, temos de contar ainda com os juros de 9.000 francos que já devemos, a que teremos de juntar dentro dalguns meses os de cinco ou seis mil que provavelmente teremos de pedir emprestados.

A Deus e a Maria. Todo seu na caridade de Jesus e de Maria.

F. Libermann